



Roquel

DIRECÇÃO DE
CAROLINA
HOMEM CHRISTO

eva

ANO 8.º — N.º 398
24 de Dezembro de 1932
LISBOA

* A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODAS AS REVISTAS FEMININAS PORTUGUESAS *



A «MADONA SIXTINA», DE RAFAEL

Quadro célebre do museu de Dresden, Alemanha. A Madona com o Menino Jesus, Santa Bárbara e o Papa Sixto IV, fundador da célebre Capela Sixtina, no Vaticano

À TORREI



Ao tempo que a mãe ficara em casa, raladinha de penas, doente, cheia de cuidados, ia a filha, a Maria Rosa, levar o jantar ao pai. Era uma bela rapariga sádia, alta, esbelta e tão

corajosa e decidida que até os rapazes a tinham alcunhado de *A Brava*, pelo que ela muito se divertia, gostando até que lhe chamassem assim.

Naquela manhã, mais uma vez, a Maria Rosa teimara em dizer à mãe que não se assustasse, que não haveria nenhum perigo em ir sózinha ao encontro do pai, que trabalhava, agora, distante dali, mas a pobre mulher não se convencera e só lhe parava o tormento ao vê-la entrar novamente em casa.

— E se dás de cara com algum toiro? — dizia-lhe.

«Ai filha, que horas aflitas eu aqui fico a passar!

A isto replicava a Maria Rosa com gracejos:

— Olha agora! Faço-lhe uma pega e pronto. É o que me nos raleira me dá.

E na verdade, habituada a vêr gado bravo desde que nascera, não era à filha da Lezíria que os toiros metiam medo.

Saindo a porta da casa sentiu, sim, a terrível ardência do sol quási a pino, o hálito de fôgo de um suão que parecia incendiar a campina, mas sem um gesto de recuo encetou a caminhada com o cêsto à cabeça estrada em fóra.

— Árre que o pai não encontra a comida esfriada, não! Até parece que me fervem os miolos! — murmurou de si para si seguindo ávante desembaraçada e airosa.

Sôbre a terra repousada depois da tarefa anual, caíam os raios do sol e toda a planura brilhava, arfava, numa ténue poalha de oiro a tremeluzir no ar. Até onde a vista alcançava nem viva alma aparecia.

O dia estava verdadeiramente tórrido, asfixiante, o céu, todo êle, côr de cinza clara sem o refrigério de uma núvem...

A Maria Rosa, afeita ao tempo, ou êle fôsse de rija invernia, de nortadas arrepiantes, ou de acesa canícula, lá ia direita, no seu andar firme e apressado; mas se à mãe quizera iludir, dizendo-se despreocupada, era certo que não via sem

temor aquêlo caminho a fazer pela campina longa e deserta. Não a inquietava a ideia de encontrar os toiros, nêsse ponto falara verdade. Outro cuidado a alvoroçava e tanto que ia resolvida a dizer ao pai que levasse êle próprio a cômida, logo de manhãinha, para lhe evitar aquêlo estirão todos os dias.

Seria custoso de convencer o pai, demais o sabia. O António «Mouco» assim apelidado por causa de uma surdez que muito o apoquentava, era teimoso, aferrado às suas ideias, não suportando mandos de ninguem e não sabendo as verdadeiras razões, que acima de tudo, a rapariga queria ocultar, chamar-lhe-ia madraça e continuaria a exigir a sôpa quente, áquela hora do meio dia.

Ora dava-se o caso que um guardador de gado perseguira a Maria Rosa com grande e por fim medonha teimosia e como ela, com igual persistência repelira os seus avanços, o homem jurara vingar-se, tanto mais que a rapariga com o seu feitio indomável, rude, atrevido, o insultara, chamando-lhe aquilo que muito bem lhe parecera e que, em boa verdade, êle merecia pelo seu viver, avêso ao de toda a gente honrada.

Dêste modo, um encontro com o «Marrês», nome que herdara do pai a par das péssimas qualidades, nome que se adivinhava composto pela junção das duas palavras, má e rês, era o maior receio da Maria Rosa, tanto mais que forçosamente tinha de passar à vista de uma cabana onde o homem costumava pernoitar. Quezilenta coisa fôra aquela ida do pai para um trabalho distante. A rapariga, por mais que sismasse, não via maneira de se livrar de tão penoso encargo. Podia, é certo, dizer ao pai toda a verdade, mas isso seria extremamente perigoso, pois que, também, o «Mouco» era criatura de génio arrebatado e quando o puxavam esquecia qualquer resto de prudência, perdia o raciocínio por completo.

Por todas estas razões, sob aquêlo céu ardente como chaga aquecida ao rubro, ia a pobre Maria Rosa bastante assustada, só lhe dando alguma coragem a ideia de que já por três vezes fizera o mesmo trajecto sem maus encontros. Ei-la, agora, justamente a chegar ao sítio de maior perigo.

Já avistava, sem a poder desfrutar, a cabana sózinha além na planície imensa.

Então a rapariga resolveu deixar o caminho aberto e, embora com mais custo, seguir ao largo, pelas terras, para evitar a passagem que lhe metia justificado susto.

— Pouca sorte! murmurava — não se vê ninguem por aqui!

Naquela vastíssima área de terrenos, com efeito, a solidão era completa. A terra estiraçava-se ao sol, preguiçosa, contentente, no goso de ter produzido, de ter dado pão.

Vestia-se a campina de uma só côr, o tom da granza clara, toda ela uniforme, sem mais relêvo do que, ao ocidente, as



silhuetas das colinas distantes, os finos desenhos de algumas árvores esguias, fracas de sombra. Era assim, tudo plano, o que Maria Rosa via à sua frente, a findar no rio e só a cabana se erguia negra, redonda, como tumor maligno em corpo são.

Vê-la arrazada, para ter a certeza que ninguém ali se escondia, naquela hora de ardente sésta, era todo o empenho da pobre rapariga, mas, ai dela, tanto o seu desejo era de impossível realização. Andar, andar depressa era a única coisa que tinha a fazer e lá ia com o rosto afogueado, escorrendo suor, ofegante, cansada.

De súbito, nêsse ponto negro, temido, que os seus olhos teimavam em fitar, surgiu um vulto alto, forte, alguém que a Maria Rosa logo reconheceu: era o «Marrês». Então, ao vê-lo, mesmo de longe, o rôsto da pobre rapariga perdeu toda a côr, esmaeceu, mas logo mais viva a retomou; o coração pareceu-lhe crescer dentro do peito. Olhou em redor, aflita, angustiada de se vêr sem auxílio de ninguém, junto daquêle homem e em tão desamparado ermo.

Num momento o malvado atravessara as terras e dirigia-se para ela gritando chocarreiro:

— Olha a «Brava» não teve mêdo ao calor e veio fazer-me uma visita!

A rapariga, porém, não o escutava, largada a correr e como vestia uma saia de côr vermelha, dir-se-ia uma fantástica papoila que por milagre se deslocasse do campo raso. Corria, corria perdida de mêdo e como levava grande dianteira, o homem, já um tanto pesado, pois tocava nos quarenta, custava-lhe a alcançar a preza que se encaminhava para o lado do rio, na esperança de encontrar para aquelas bandas alguém que lhe valesse.

Um grito, porém, mal lhe saiu da garganta sêca, contraída pelo terror, quando viu, também, ao longe, correndo do lado oposto ao «Marrês» um outro vulto escuro a galgar terreno numa larga investida.

Era um toiro.

Viesse a manada inteira seria a salvação da desgraçada rapariga. Com a manada viriam os campinos e não seria aquela a primeira vez que a Maria Rosa andasse por perto do gado, mas um só, tresmalhado, era o pavor, a morte. Fugir, para onde? Só a cabana lhe podia servir de refugio, mas a rapariga antes preferia morrer do que meter-se no covil dessa outra fera e assim via-se perdida.

Então continuou a correr direita ao espelho azulado, brilhando ao sol, ao rio, como ao seu último recurso e único asilo.

Receoso do toiro o homem quedara-se na campina.

Louca de susto, esgotada de forças, a Maria Rosa atingira enfim a margem do rio, deserta, como tudo quanto a vista alcançava, mas como visse o «Marrês» voltar a correr no seu

encalço, largou o cêsto e meteu-se à água. Raivoso, espumando injúrias, o homem ia segui-la, disposto a tomar o mesmo rumo, quando o toiro o alcançou.

Acostumado a lidar com o gado, o «Marrês» ainda quiz lutar, julgou submetê-lo, mas, coberto de moscas, enraivecido pelo calor, ébrio de liberdade, o boi investiu com êle e logo o prostou no solo, ferido, jorrando sangue.

Maria Rosa, metida na água, assistira atônita, apavorada, àquela cena. Com o ardor do sol, o frio da água no corpo esquentado pela corrida, o susto, o horror do que presenciára, a pobresinha batia os dentes uns contra os outros, tremia como erva tenra sob rija nortada; depois, pouco a pouco, sentiu que a vista lhe ia fugindo, que perdia a noção do lugar onde estava, desfalecida e exausta.

Cansado de marrar no corpo inerte do «Marrês», o toiro olhou então para o vulto que andava no rio e, curioso, encaminhou-se para a margem.

A Maria Rosa ainda percebeu êste movimento e, cheia de mêdo, mais entrou pela água, mas depois fado esqueceu num adormecimento longo... profundo...

Entretanto, galopando através da Lezíria, abrasada de calor rutilante de intensa luz, os campinos vinham em demanda do toiro tresmalhado.

Então, em rápido volteio, enquanto uns carregavam com o «Marrês» que ainda mostrava ligeiros sinais de vida e outros recolhiam o toiro à manada, dois homens salvavam de morte certa a pobre Maria Rosa, justamente quando, com os sentidos completamente perdidos, ia entregue ao capricho das águas correntes.

E foi assim que, mais tarde, a rapariga despertou junto da mãe, contente de se vêr ali na sua casa, abrigada da ferreira escaldante do sol, da feroz investida do toiro e livre, decerto para sempre, da outra fera, do «Marrês», o seu acérrimo perseguidor.

MARIA DA NÓBREGA